

Prólogo

— Mamãe morreu.

— Porque não me ouviu, meu amor.

A velha senhora, cheirando a cedro e rosas, puxou a neta de dez anos para dentro dos braços roliços.

— Papai não me quer.

Ninian tentou não choramingar quando se aconchegou ao primeiro abraço acolhedor que se lembrava de ter recebido.

— Porque você é uma Malcolm, e os homens têm medo daquilo que não compreendem. Vai ver quando ficar mais velha.

— Papai diz que sou uma bruxa, vovó. Não sou uma bruxa, sou?

— Você é uma Malcolm, querida, e isso é quase a mesma coisa.

As bruxas podem realizar um bem imenso se ouvirem os mais velhos e fizerem o que lhes foi dito. — A velha senhora afastou-se e endireitou os ombros de Ninian. — Sente-se aqui ao meu lado, vou ler uma história para você. — Bateu no velho livro de capa de couro que tinha no colo.

— Minha mãe não queria que eu fosse uma bruxa — Ninian murmurou, sentando-se, tomada de medo de repente, ao sentir a determinação da avó.

— Sua mãe renegou aquilo que era, meu amor, e morreu por isso. Jamais renegue quem você é, e viverá uma vida longa e feliz.

— Quem eu sou? — Ninian indagou, aninhando-se no abraço carinhoso da avó, momentaneamente confortada por suas promessas.

— Uma Malcolm, minha querida — repetiu a velha. — Seja orgulhosa e grata por sua herança. Podemos ter qualquer coisa que quisermos, se desejarmos com força suficiente. Só que jamais devemos renegar quem somos, como a história nos conta. Um Ives certa vez tentou obrigar sua esposa, uma Malcolm, a renegar a herança com que ela havia nascido, e isso praticamente destruiu a vila.

Ninian adorava histórias. Feliz, acomodou-se para ouvir.

Capítulo I

Northumberland, 1750

Sozinha na beira da clareira, Ninian Malcolm Siddons estava sentada numa pedra do círculo que um dia dominara aquela colina, contemplando a fogueira e os casais que dançavam e riam lá embaixo. Era muito bom ser uma Malcolm. Porém, aquela noite, ela preferiria muito mais dançar e cantar e gritar de alegria sob a luz do fogo como qualquer outra pessoa.

Queria gritar e exclamar:

— Estou aqui! Aqui! Sou eu, apenas!

Contudo, havia riscos em despertar esse tipo de atenção. Ela não poderia entregar-se à sua natureza volúvel e despejar para fora sua raiva diante da injustiça da vida. Só iria aumentar o medo que já existia na vila a seu respeito. Como sua avó havia lhe ensinado, ela precisava lembrar-se de quem era, do que era, e ter orgulho disso. Tinha um dom e um talento que não haviam sido concedidos a nenhuma outra pessoa, e precisava usá-los com prudência. Fazer os moradores da vila sentirem medo dela não era prudente.

Suspirou e revirou os olhos para o alto, irritada. “Dons” e “talentos” não eram tão valiosos ou empolgantes como a magia dos contos de fada. Se dominasse a *verdadeira* magia, poderia invocar um namorado para convidá-la a dançar. Sorriu quando a ideia fantasiosa formou-se em sua mente. Que tipo de namorado iria invocar? Moreno e apaixonado? Loiro e amoroso? Um que lhe desse bebês gorduchos e alegres?

Um que dançasse com ela.

Ninian nunca havia pensado em compartilhar sua vida com alguém até que sua avó morrera, no inverno anterior. Diante das circunstâncias, não valia a pena pensar nisso agora. Precisava dedicar sua vida ao povo de Wytan tal como vovó fizera — ou renegar sua herança e perder tudo como acontecera com sua mãe.

A fogueira estalou, erguendo-se mais ainda para a noite estrelada

de maio quando alguém jogou mais lenha nas chamas. Com o auxílio da lua lá no alto, a clareira reluzia com um brilho prateado, enchendo a noite de encantamento.

A noite de Beltane era para celebrar a riqueza da terra, para dissipar o escuro do frio do inverno. Ela deveria sentir-se exultante com a promessa da primavera, não ficar aflita por aquilo que nunca poderia ter. Era hora de livrar-se da tristeza e superar a morte da avó e seguir em frente na vida.

Se pelo menos ela soubesse exatamente o que era isso... Cuidar das plantas, curar os doentes e trazer bebês ao mundo não era bem a promessa fascinante que ela esperava, agora que tinha de enfrentar tais tarefas sozinha.

Ansiosa, sentou-se, quando um acesso de riso e animação inundou-a ao perceber a aproximação dos dançarinos.

— Ficou sabendo? Lorde Ives está reformando o castelo! — Tom, o filho do fazedor de rodas, exclamou, rouco, quando ele e vários outros pararam para recuperar o fôlego.

— Vamos ficar ricos — disse Alice, a filha do lavrador, cheia de alegria.

— Desta vez, no ano que vem, teremos porcos gordos nos chiqueiros e gansos em nossas mesas. — Filho de um criador de ovelhas, Nate passou o copo de cerveja para a pessoa ao seu lado.

A volta de um Ives a Wytan depois de todos aqueles anos deixou Ninian preocupada. A lenda do livro de histórias de sua avó era, para ela, pouco mais que um conto de fadas e nunca lhe dera medo até aquele instante, diante do retorno daquele nobre misterioso.

De acordo com a história, muito, mas muito tempo atrás, os Ives e os Malcolm eram a nobreza daquela terra, construindo castelos e protegendo seu povo. Porém, ainda segundo a lenda, o desastre destruíra aquela terra feliz depois do casamento de um Ives com uma Malcolm. A prosperidade fugira, os Ives haviam se mudado e só os Malcolm tinham permanecido para cuidar do povo da melhor forma que podiam. Conforme os outros partiam em busca de riquezas em algum outro lugar, a vila se encolhera, e não havia necessidade de mais de um Malcolm ali. Então, até mesmo os Malcolm se foram.

As tias de Ninian tinham acompanhado seus maridos aristocráticos e mudado em busca de coisa melhor. O dom particular de Ninian era mais útil no isolamento da vila, e assim ela escolhera ficar para trás.

Por que a lenda saltara do livro de história assim que sua avó morrera? E se aquele lorde Ives trouxesse de novo a abundância para a vila, será que ainda precisariam dela, afinal? Ou ele traria a tragédia que o livro de contos predizia?

Expulsando um calafrio de medo e bloqueando tais superstições idiotas, Ninian olhou, na expectativa, para os solteiros desacompanhados, enquanto os músicos tocavam uma nova canção.

Nate agarrou a mão da companheira, e Gertrude soltou uma risadinha e afastou-se com ele para se juntar aos dançarinos. Conforme os outros rapazes escolhiam suas parceiras e os casais sorridentes apressavam-se a ir para a festa, deixando Ninian para trás — outra vez — suas covinhas desapareceram e seus ombros se arquearam com o peso da solidão.

Não importava que não a convidassem para dançar. Eram rapazes da vila, simples, sem instrução, e ela era uma Malcolm. As Malcolm não eram apenas bruxas, mas pertenciam à nobreza, tendo sido educadas bem além dos recursos de simples lavradores. Ela compreendia. Realmente, compreendia. No entanto, a música era tão animada e a lua estava tão linda...

Uma velha senhora riu quando Gertrude deu um tapa no rosto de Nate e saiu correndo.

— Aquele lá só tem uma coisa na cabeça — disse a mulher para a companheira.

Todas as moças da vila conheciam as mãos atrevidas de Nate e suas palavras melosas. Mesmo assim, embora cheio de cerveja, ele dançava bem, e Ninian não se importaria em dar uma volta em torno da fogueira. Só uma.

Não era grande coisa, quando se esperava encontrar o amor.

Um rito pagão de fertilidade, era só o que faltava!

Parado nas sombras profundas da beira da floresta, Drogo Ives, conde de Ives e Wystan, cruzou os braços e observou a fogueira que

ardia na clareira, com as chamas subindo em direção ao céu. As notas hipnóticas da flauta e do violino eram carregadas pelo vento, que trazia junto o som das risadas.

Ele viera para aquele posto avançado, um lugar deserto ao norte da Inglaterra, na esperança de estudar as estrelas, não o comportamento humano. Que os céus o protegesse, já tinha espécimes suficientes em Londres, caso desejasse dedicar-se à ciência das pessoas, mas preferia a distância e a precisão matemática das estrelas. Pelo menos, eram previsíveis.

A fogueira despertara sua curiosidade quando a avistara de sua janela. Passara um longo dia cansativo debruçado sobre as contas da propriedade, com a correspondência e as decisões relativas às últimas escapadas de seu irmão e, inexplicavelmente, fora atraído pela vista das chamas.

Uma figura solitária, na clareira, envolta em sombras e entre ele e os casais festivos, espicou sua curiosidade. Apesar não ser daqueles lados, tinha conhecimento suficiente do folclore para reconhecer a celebração do Beltane pelos moradores da vila. Conforme os ritos da fertilidade da primavera prosseguiam, podia ver que aquele era bastante comportado. Ele próprio reconhecia dentro de si o impulso primitivo de procriar. O calor de uma nova noite de maio, o murmurar das criaturas noturnas da natureza procurando parceiros, as aves no choco e a vida florescente das plantas mexiam até mesmo com a humanidade mais estoica, levando-a a desejar criar réplicas de si mesma no ventre de uma mulher.

Drogo bateu a porta de ferro da mente, expulsando tal pensamento, conforme observava a figura solitária na clareira.

Os cabelos claros da criatura reluziam ao luar, caindo em cachos selvagens pelos ombros até a metade das costas, sem que nenhum capuz ou pano os ocultasse. Ele vira de relance as feições dela antes, quando a jovem trocara algumas palavras com alguns dos casais. Tinha um rosto redondo de uma pureza do marfim com olhos claros misteriosos que ele mal conseguira distinguir sob o facho prateado do luar.

E tinha um corpo pelo qual os homens se matariam. Com um

olhar preconceituoso, analisou-lhe os seios fartos e a cintura bem delineada. Beleza do campo, feita para procriar. Por que, então, não fazia parte de um dos casais amorosos que pulavam ao redor do fogo? Ela poderia ter um séquito de homens dispostos a dançar com um estalar dos dedos.

Ele não tinha qualquer intenção de se envolver nos assuntos da vila a ponto de sair perguntando. Ansiava por uma solidão que não conseguia alcançar em Londres, e não precisava de outra mulher a infernizar sua vida ou sua cabeça. Era melhor voltar aos seus estudos na torre ou à pilha enfadonha de mensagens aflitas de Londres.

A deusa prateada virou-se em sua direção o suficiente para que Drogo percebesse o anseio que havia naquele semblante divino, um anseio que era muito semelhante ao seu, uma solidão tão grande e tão evidente que quase o destroçou.

Ele *não deveria* sentir-se assim. Não tinha o direito. Tinha mais em sua mesa do que era possível consumir. Desejar uma iguaria que não era sua seria de um egoísmo detestável.

Como se sentisse seu tumulto, a donzela da lua virou-se e olhou para a floresta onde ele estava. E a excitação poderosa e repentina que o dominou diante da vista daquelas feições iluminadas pelas estrelas resolveu a questão. Ele não seria como seu pai, dançando descuidado ao chamado da tentação, seguindo seu falo como um guia.

A jovem que encontrasse outro parceiro para aquela noite de amor. Ele não tinha nada a lhe oferecer.

Julgando ter visto uma sombra esgueirar-se pela escuridão, Ninian estremeceu. Talvez Satã andasse numa noite assim, como sua avó a avisara, pois só um demônio sem alma escaparia de sua atenção. Seu dom de captar a emoção humana podia não abranger a compreensão do que ela própria sentia, mas lhe dava uma habilidade de perceber a presença de alguém.

Vovó a ensinara como lidar com demônios externos, com homens perigosos. Ninian gostaria, porém, que a avó a tivesse ensinado como viver com demônios internos, como a dúvida e a solidão. Vovó achava que tudo poderia ser curado facilmente com ervas e

amuletos, mas, no que dizia respeito a Ninian, amuletos não podiam curar qualquer coisa. Mesmo assim, ela respeitava a memória da avó e mantinha a mente aberta. Vovó sabia muito mais do que ela algum dia esperava aprender.

A música mudou e os casais alegres afastaram-se da fogueira. Em vez de ir embora, como esperava, ela demorou-se, abrigando a esperança tola de que pelo menos um dos homens se atrevesse a convidá-la para dançar, agora que estavam cheios de cerveja. Fez o melhor para mostrar um sorriso ingênuo, como as outras moças faziam.

— Dizem que o conde tem três esposas — disse Nate, rindo, ao se aproximar, com o braço enlaçado com firmeza pelos ombros de Gertrude.

— Dizem que todos os Ives são demônios que só andam de noite. — Tom sorriu diante do grito de pavor de Alice, e aconchegou-a ainda mais ao abraço.

Talvez Ninian não fosse a única que havia notado uma presença na beira da floresta. Ela olhou de novo por sobre o ombro, mas a sombra já havia desaparecido.

— Todo mundo sabe o que dizem que aconteceu da última vez que um Ives andou por esta terra — murmurou Nate, no tom sombrio de um homem que conta uma história de fantasmas. — Copulou com uma bruxa e o vale inteiro foi inundado.

Todas as cabeças se viraram na direção de Ninian.

O estômago de Ninian revirou-se diante dessa atenção. Não importava o quanto ela se esforçasse para ser um deles, a maldição de sua herança sempre erguia barreiras. Não sabia por que resolvera se juntar ao povo da vila aquela noite, a não ser pelo fato de às vezes a cabana ressoar com o vazio da solidão.

Harry, o sapateiro, voltou a concentrar-se em si mesmo.

— Já que esse tal de Ives tem três esposas, não é provável que queira mais, não é?

Os rapazes caíram na gargalhada. As moças riram disfarçadamente.

Agradecida pela distração, Ninian estampou seu sorriso de covinhas e ficou a olhar as danças enquanto a conversa continuava.

Até mesmo Harry, que a defendia verbalmente desde que ela lhe consertara o dedo quebrado, nunca fora além de inclinar a cabeça em sua direção. Seria preciso um homem de coragem, realmente, para cortejar uma bruxa Malcolm. Ela deveria ter se acostumado com a rejeição a essas alturas.

As superstições dos moradores da vila sobre sua origem não provocavam preocupação indevida em Ninian. A Inglaterra não queimava uma bruxa na fogueira em... pelo menos uns cem anos ou mais. Não enforcavam uma fazia uns vinte ou trinta. Tinham métodos mais civilizados para destruir as bruxas nos dias de hoje. Uma palavra ou um olhar errado, e ela não veria nada além de costas indiferentes. E com a pobre colheita dos últimos anos e depois de um inverno ruim... ela não poderia culpá-los. Diferentemente da avó, Ninian não conseguiria convencer as pessoas a fazer o que era bom para elas com amuletos e promessas. Só podia curar os doentes com seu conhecimento das plantas medicinais. Seu dom de empatia ficava singularmente inútil, e era mais nocivo que útil.

Ela gostaria que as coisas fossem diferentes. Só por uma vez, gostaria que alguém a aceitasse como ela era, para segurá-la bem perto e levá-la para dançar sob a luz da fogueira, como uma pessoa normal.

E ela *era* normal, disse a si mesma com veemência. Só sabia um pouco mais sobre ervas que a maioria das pessoas, tinha uma habilidade imprevisível de sentir o que os outros sentiam, e a inteligência de aplicar ambas as coisas. Não era uma bruxa. Era uma Malcolm.

Contudo, na cabeça de muita gente, não havia nenhuma diferença entre uma coisa e a outra.

Com um suspiro tristonho, Ninian afastou-se da clareira e entrou na floresta, indo para longe das celebrações, para longe da vista dos outros que se esgueiravam, aos pares, para as sombras das moitas e das árvores, para plantar as sementes da colheita abundante de bebês que ela traria ao mundo com a chegada do inverno. Bebês que ela nunca teria. Todavia, era melhor exorcizar a dor de tal pensamento com o trabalho.

Caminhando por entre as árvores, deixando para trás a fogueira e a multidão amorosa, Ninian procurou o riacho murmurante onde crescia a erva de que precisava. Sob a luz do luar, a agrimônia conteria todo o poder do qual necessitava para o trabalho da manhã seguinte. Gostaria que o riacho corresse pela propriedade de sua avó, assim não teria de andar até tão longe para obtê-la, mas ninguém nunca reclamara por ela ter invadido a terra dos Ives. Claro, até então, não havia ninguém para reclamar.

Lorde Ives certamente tinha provocado controvérsias ao voltar ali depois de gerações de negligência, mas Ninian não se permitia fofocar. Óbvio, nenhum homem poderia legalmente ter três esposas. Ela sabia o suficiente sobre o temperamento humano para duvidar até mesmo da capacidade de um Ives ter três senhoras sob um mesmo teto, embora pensar na natureza de um homem assim lhe despertasse fantasias perigosas.

Dirigindo os pensamentos deliberadamente para a melhor maneira de convencer o filhinho de Mary a tomar um chá da planta que procurava para lhe acalmar a garganta inflamada, Ninian não notou o vulto que a seguia até que era tarde demais para se esconder.

Percebeu no mesmo instante quem era e por quê. Nate. Mesmo enquanto captava a força da arrogância do rapaz, somada a uma raiva confusa e uma pitada de medo, ele surgiu pela curva da estrada.

Apanhada em campo aberto sem ter para onde correr, Ninian adotou sua melhor defesa, aquela que usava para fazer as crianças rirem. Pestanejou com ar inocente, e enrolou uma mecha de cabelo no dedo. Suas faces de covinhas, os cachos loiros e os olhos azuis podiam fazer qualquer homem duvidar das lendas. Não diziam que todas as bruxas eram morenas e perigosas?

— Ora, Nate, o que está fazendo aqui? Gertrude vai ficar muito desapontada sem sua companhia.

— Gertrude foi embora com aquele idiota, o Harry. E você é muito mais bonita que ela. Não deveria ter saído tão cedo.

Nate chegou mais perto, com os olhos cravados nos seios de Ninian.

Ela podia sentir-lhe o cheiro da cerveja, e captar a determinação

impulsiva. Apesar de sua baixa estatura, Ninian sabia que era forte, porém Nate não só era mais alto, mas a superava em peso por muitos quilos.

— Ora, Nate, que atencioso de sua parte me acompanhar até em casa — ela respondeu, com voz alegre —, mas não precisava, realmente. Volte para a festa.

— Ir pela terra dos Ives é dar uma grande volta até sua cabana — Nate disse, com suspeita.

— Oh, mas eu queria tanto colher agrião no riacho!

Ninian esgueirou-se para longe quando ele estendeu a mão para pegá-la. Se não era boa o bastante para dançar com Nate na frente de todo mundo, por certo que não pretendia relacionar-se com ele em particular. Podia ser solitária, mas não era maluca.

— Vou ficar bem. Pode ir.

— Você sabe que não existe nenhum homem na vila para você, além de mim. — Ele tentou usar um tom lisonjeiro, conforme avançava mais um passo. — Meu pai tem mais ovelhas e mais terra. Sou forte. Posso fazer o trabalho de três homens.

Ninian sabia o tipo de “trabalho” que ele tinha em mente, e reprimiu uma careta.

— Ora, Nate! Você está me *cantando*?

Não conseguiria correr depressa o suficiente para escapar de Nate, mas tinha cinco vezes a inteligência que ele possuía, principalmente assim tão cheio de bebida.

— Vou lhe mostrar como posso ser bom.

Aparentemente encorajado pela falta de timidez de Ninian e uma boa dose de embriaguez, Nate pôs de lado os medos e tentou agarrá-la.

Preparada, Ninian deu um passo de lado, esticou o pé e deixou que ele tropeçasse. No torpor induzido pelo álcool, ele escorregou na lama, ergueu os braços para equilibrar-se e esparramou-se todo no riacho gelado. E isso esfriou o ardor exagerado.

— Vou fazer você pagar por isso, bruxa! — ele berrou, sacudindo o punho, enquanto a água escorria por sua testa.

Bem, aquilo fora o suficiente para acabar com as más intenções

de Nate.

— Se eu fosse mesmo uma bruxa, faria apodrecer suas bolas, seu bobo idiota! — ela berrou de volta.

Vovó não ficaria contente comigo, pensou Ninian. Depois de todos aqueles anos trilhando o caminho seguro e correto, ela estava jogando tudo fora num acesso de raiva. Sabia das coisas.

Praguejando, Nate endireitou-se entre as pedras escorregadias e atirou-se para a margem, na direção de Ninian. Bem, talvez ela não devesse ter usado uma fachada tão inocente. Nate não se intimidara a ponto de fugir.

Quando ele a agarrou, uma voz fria ressoou na escuridão das árvores.

— Algum problema?

Assustado com aquela voz vinda do nada, Nate escorregou pela margem e caiu na água de novo. Pega quando ia recuar, Ninian ficou paralisada.

Não tinha *sentido* presença alguma. Como poderia ser? Ninguém *nunca* se aproximara dela assim, sem que seu sexto sentido desse algum aviso. De olhos arregalados, ela virou-se para olhar na direção da qual a voz surgira.

Limpando a água dos olhos, Nate ficou de pé outra vez, tremendo.

— Quem está aí? — indagou.

Ninian suspeitou que o rapaz tremia por causa de algo mais além de frio. Apesar de contar vantagem, Nate nutria as mesmas superstições ignorantes que a maioria dos moradores da vila. Diante do som daquela voz sobrenatural sem corpo, ela sentiu nele o medo do desconhecido.

— Discordamos quanto à minha capacidade de ir sozinha para casa — ela respondeu, com ousadia, desejando que o estranho se mostrasse. A ausência de qualquer emoção humana vinda da direção da voz a assustava tanto quanto a ausência de uma presença física.

Para seu alívio, uma sombra sólida separou-se das árvores. Másculo, mais alto que Nate, de ombros largos e dono de um físico perturbadoramente atraente, o misterioso intruso escondeu suas feições mantendo-se fora da luz da lua.

— Estão invadindo a propriedade — ele afirmou, com a mesma falta de inflexão com que falara da primeira vez.

— Lorde Ives! — Nate recuou depressa para o riacho, subindo pela margem oposta. Lançou um olhar apavorado para Ninian. — Ele é o demo, e você está de conluio com ele!

Suspirando diante daquela conclusão inevitável, Ninian ergueu os braços, sacudiu os babados de suas mangas e berrou “Buh!” num tom sobrenatural na direção de Nate. E caiu na risada quando Nate fugiu, gritando, pela floresta.

— Fico contente que se tenha divertido — lorde Ives disse, atrás dela, com o que poderia ser um toque de secura. — Será que se importaria de explicar o que isso significa?

Claro, sua senhoria era novo na região. Não conhecia o folclore local sobre as bruxas Malcolm e os demônios Ives. Virando-se para lhe avaliar a reação, Ninian teve de erguer os olhos bem mais do que gostaria. Através dos feixes de luar, a silhueta do homem era impressionante a ponto de tirar o fôlego, e estava perto demais.

Sua avó a ensinara sobre as tentações das forças sombrias para as quais as bruxas eram atraídas. Precisava ser cautelosa.

— Bem-vindo a Wystan, milorde. — Fez uma cortesia como lhe havia sido ensinado muito tempo atrás. Ao se endireitar, emendou, com maldade: — Sou Ninian Malcolm Siddons, bruxa residente. — Sua avó também acreditava que um diabinho travesso morava dentro dela, em vez da magia.

Sem rir ou recuar de medo como qualquer homem normal faria, lorde Ives inclinou a cabeça com interesse.

— Ninian? O nome de uma santa?

Não era apenas destemido, mas com conhecimento da história antiga. Interessante. Vovó tinha dito que os homens não gostavam muito de aprender essas coisas.

— Minha mãe tinha um estranho senso de humor — ela admitiu.

Que esquisito que ele perguntasse por seu nome, mas não quisesse saber de sua reputação.

— Entendo. — O toque de secura desapareceu, dando lugar outra vez a um tom de frieza. — Não creio que seja seguro para uma moça

andar por essa mata à noite. Vou acompanhá-la até sua casa.

— Por favor, perdoe minha invasão, milorde — disse Ninian, um tanto tardiamente —, mas há ervas de que preciso ao longo deste riacho. Importa-se?

— Faria diferença se eu dissesse “sim”?

Observador, também. Ninian meneou a cabeça.

— Sinto muito se vou contra os seus desejos, mas eu não deixaria o pequeno Matthew com a garganta inflamada.

— Absolutamente. — Ele pareceu retirar-se para dentro de si mesmo, ou talvez fosse a lua que se escondera atrás de uma nuvem. — Então, vamos logo com isso. Deduzo que seja uma herborista e não uma bruxa, não?

— Vejo que é um filósofo natural — ela comentou, evasivamente, enquanto examinava o lado do riacho onde crescia a agrimônia. Não se importava com o que ele acreditava, e recusava-se a sucumbir à tentação de entregar-se demais às fantasias do Beltane.

Muitos homens eram altos e fisicamente atraentes, com vozes que podiam despertar atenção com apenas um murmúrio. Vovó lhe dissera que o Demo possuía encantos assim, enquanto prometia muito e promovia o mal. Se fingisse que o conde era Satã, ela poderia ignorar a pulsação incomum de seu coração com a proximidade dele. Só porque ela queria um namorado não queria dizer que cairia de amores pelo charme de qualquer homem que aparecesse — e, por certo, não por um Ives.

Franzindo a testa, ela agachou-se para examinar melhor o leito do riacho. Talvez o escuro escondesse o que ela sabia que estava lá.

O conde devia ter escutado seu resmungo de frustração. Aproximou-se, e as longas pernas cobertas pelas botas de couro pararam perto de sua mão.

— O que foi?

— Sumiram. Costumavam crescer em abundância... — Ela passou pelos arbustos, procurando mais perto da água. — O agrião sumiu também, mas isso pode ser... — Tateou o solo úmido da beira com uma vara. — Nada mata as violetas — murmurou, intrigada. — O capim-limão está morto! — exclamou, um momento depois.

— Não é possível!

Ele agachou-se ao lado de Ninian e cutucou a margem com a bengala.

— Não vejo nada a não ser pedras. Tem certeza de que está no lugar certo?

Os cabelinhos da nuca de Ninian se arrepiaram quando a mão do lorde roçou a sua; porém, diante de um desastre daquelas proporções, ela não teve paciência para analisar a estranha reação. O riacho fornecia uma boa porção de seus remédios. Se não pudesse curar, não tinha lugar ali, afinal. Um calafrio enregelou seu sangue. Não era possível que a lenda dos Malcolm e Ives trazerem desastres já tivesse se tornado realidade. Talvez só os Ives os provocassem.

Recusando-se a ceder ao pânico, ela avançou riacho acima.

— Eu *sei* que está certo — resmungou, mais para si mesma. Não estava acostumada que alguém a acompanhasse, e o vácuo negro que era seu estranho companheiro permitia que ela o ignorasse de um modo confortável. — Ali está a trilha que eu fiz. É onde coloquei cinzas e esterco para fertilizar o solo. Eu *sei*... — Parou e partiu um galho do salgueiro que pendia sobre a margem. — Morto — murmurou, quando o galho estalou.

— Árvores morrem — ele disse, atrás de Ninian. — Nessa umidade fria, é de se admirar que vivam.

— Não, isso não está certo... — Andando com cuidado pelo escuro, ela quebrou um galho ali, agachou-se para examinar a raiz de uma árvore acolá. — Terei de voltar com o dia claro, seguir o riacho...

O medo, porém, infiltrou-se por suas veias. Sem seus remédios, ela era menos que nada. Tinha de descobrir...

— Não vai fazer nada disso — ele a informou. — Na verdade, é hora de eu levá-la para casa.

Resmungando para si mesma, Ninian colocou no bolso do avental as folhas secas e os galhos que pegara e voltou pela trilha. De acordo com sua avó, no esquema das coisas, os homens tinham apenas um propósito — os mesmos serviços que o diabo oferecera à Eva. Mas o conde era o dono daquela propriedade, e ela precisava ao menos

fingir que o escutava.

Ao descer pela trilha, analisando todas as razões pelas quais as plantas poderiam ter morrido e recusando-se a acreditar que tudo estava perdido, Ninian sobressaltou-se quando dedos fortes a pegaram pelo cotovelo.

— Vai quebrar uma perna caminhando assim, descuidada.

Um formigamento correu pela carne de Ninian onde os dedos do lorde se fecharam, mesmo através da manga do vestido. E a sensação irritou-a. Será que seu desejo fútil de ter um namorado invocara aquele homem? Deveria ter prestado atenção quando a avó a alertara sobre desejar o que não se poderia ter, principalmente numa noite poderosa como a de Beltane.

— Bruxas enxergam no escuro — ela retrucou, com sarcasmo, tentando livrar-se do aperto com um safanão nada discreto.

Os dedos longos apenas se fecharam com mais força.

— Diferentemente daquele idiota, não sou dado a superstições e não pretendo fazer nenhum mal a você. Só quero levá-la para casa em segurança.

Prudente, Ninian rendeu-se, ou ele a apertaria ainda mais. O contato a incomodava tanto quanto a ausência de presença emocional. Nunca sua percepção se centrara apenas no físico. E nunca o físico fora tão profundamente sentido como naquele homem. Ela não conseguiu captar se ele mentia ou caçoava dela, mas, ao contrário do que era de se esperar, confiava no que ele dissera. Um rico aristocrata não teria nenhum interesse por uma moça de vila, ou, se tivesse, já teria lhe oferecido dinheiro a essas horas.

— Estudou Filosofia Natural, milorde?

Naquele passeio forçado, ela faria melhor se procurasse espicaçar o cérebro daquele nobre. Talvez ele tivesse alguma sugestão a respeito da ausência de vegetação ao longo do riacho que servisse para afastar seus medos.

Ele hesitou antes de responder:

— De certa forma — concordou, com relutância.

— Sabe alguma coisa sobre os costumes da água?

— É molhada.

Desta vez, Ninian teve certeza de escutar a rispidez irônica naquele tom de voz. Ele a julgava uma ignorante. Então, que fosse. Continuou falando para expulsar a incômoda percepção que os rodeava.

— Sei mais sobre plantas que de água — ela admitiu. — Imagino que seja possível que a água se torne ruim para as plantas, tal como o solo quando fica improdutivo, não?

Silêncio. Ninian ressentiu-se diante daquela falta de resposta. Realmente precisava de alguém que pudesse conversar sobre aquelas coisas com ela. Sem a avó, não tinha ninguém com seu grau de conhecimento.

— Nunca notei um riacho sem vegetação nessa época do ano — ele disse, por fim, pensativo.

Ela suspirou de alívio.

— Nem mesmo depois de um inverno muito duro?

Novamente, seguiu-se o longo e pensativo silêncio antes que a voz profunda soasse na noite.

— Não estou muito familiarizado com esse clima, mas mesmo nas Terras Altas, tenho visto plantas ao longo dos riachos em maio.

— É o que eu pensei. — Satisfeita em ter uma parte de sua teoria confirmada, Ninian desligou-se do presente, refletindo sobre novas hipóteses.

— Sua casa fica muito longe daqui? — ele perguntou, quebrando o comprido silêncio.

Sobressaltada ao ser arrancada de novo de seu devaneio, Ninian pestanejou e olhou ao redor. Enquanto refletia, tinham saído da floresta e agora caminhavam pela estrada da vila.

— Não muito longe.

Apurou os ouvidos para os sons da noite, para o suave piar de uma coruja num campo nas proximidades, para os gritos alegres carregados pelo vento daqueles que rodeavam a fogueira, e estremeceu diante de uma raiva familiar de bêbado que sentiu ali perto.

— Nate está escondido nos arbustos do lado de fora de meu portão — disse calmamente, apontando para uma cerca coberta por

uma moita cerrada de rosas silvestres. — De manhã, ele vai estar convencido de que o viu com chifres e rabo, passeando pelo céu em minha vassoura. O senhor pode querer ter uma conversa com ele.

Ele endereçou-lhe um olhar aguçado e depois olhou para os arbustos que farfalhavam do lado de fora da cerca.

— Conversa raramente penetra em crânios duros — retrucou.

Soltando-lhe o cotovelo, ele caminhou em passos determinados para o portão e arrancou Nate de seu esconderijo.

Fascinada, Ninian ficou a observar enquanto lorde Ives se afastava, arrastando um Nate que se debatia e protestava, sem dizer um único “suma daqui”.

E pensou que tinha todo o direito de ficar com medo de um homem assim.